

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS PARA PERMANÊNCIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ATIVIDADE ESPORTIVA ADAPTADA REGULAR

LEANDRO VARGAS*

Centro Universitário Metodista, do IPA – Porto Alegre, RS, Brasil
leandro.vargas@metodistadosul.edu.br

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada visando a Inserção Social das pessoas com deficiência através do esporte adaptado, na modalidade natação no Centro Universitário Metodista do IPA. Foram verificadas como são promovidas as atividades esportivas adaptadas tanto competitivas como recreativas. Investiguei como ocorre a democratização ao acesso às atividades físicas com a inclusão de pessoas com deficiência e a relação entre essas pessoas e a entidade promotora da atividade. Utilizei a pesquisa etnográfica contando com observações participantes e entrevistas abertas onde descrevo aspectos do grupo estudado propondo interpretar as relações sociais que existente no grupo.

A instituição, de forma geral, busca que este Projeto seja mais um espaço de consolidação de práticas sociais inclusivas, objetivando a prevenção da saúde e a promoção da qualidade de vida dos seus participantes, além de promover o convívio da sociedade com as diferenças.

A especificidade do objeto em questão justifica-se a partir do momento em que se busca desempenhar um papel transformador na sociedade construído pela prática solidária. Neste contexto, é importante o papel da instituição que procura exercitar a cidadania, na construção de uma sociedade que reconheça, respeite e valorize as diferenças.

Nesse sentido, busquei mapear a atuação da instituição, junto às pessoas com deficiência e a comunidade através do seu projeto. A partir desse mapeamento, aferi as características socioeconômicas e demográficas dos participantes, os tipos de benefício recebido, como se processam os vínculos entre as instituições e a sociedade. Levei em conta, nesse processo, se as pessoas com deficiência atendida pela instituição, através de seus projetos, sentem-se integrados e acolhidos, se estes têm proporcionado inserção à escola, ao trabalho e se a instituição efetivamente proporciona socialização, cidadania e resgate da auto-estima.

REFERENCIAL TEÓRICO PARA ESPORTE, INCLUSÃO E SOCIEDADE

Para Duarte (2005), nas últimas décadas o termo inclusão vem ganhando destaque. Este termo constitui palavra de ordem nas lutas sociais das pessoas consideradas “excluídas” pela deficiência, etnia, por gênero, ou outras formas. Sendo assim, ocorre o desvio dos padrões impostos pela estrutura econômica e social sem deixar passar despercebida a exclusão “velada” aquela em que se deixa passar despercebida, como algo que não acarreta exclusão social, caso enfrentado pelas pessoas com deficiência que só vem sendo tratada com seriedade na última década.

Conforme Duarte (2005), A busca pela sociedade igualitária onde “[...] as diferenças, a diversidade, a cooperação, a qualidade de vida [...] e o direito de pertencer estejam sempre presentes é antagônico à ordem econômica colocada pelo capitalismo, onde predominam a competição e a lógica de mercado” (p.27). No entanto existem esforços dos organismos internacionais para que ocorra a inclusão de pessoas com deficiências bem como no Brasil, um exemplo é a Constituição entres outros documentos, que definem as questões de acesso e acessibilidade as pessoas com deficiência seja no campo da educação, trabalho e inclusão social. Nessa perspectiva, pode-se considerar que a intenção da Inclusão por parte dos governantes é

grande havendo esforço para que o processo tenha sucesso, já que a justiça social estará na origem da convivência.

Argumenta Duarte (2005), a respeito da Inclusão, Acessibilidade e Redes Sociais que se deve levar em conta que inclusão é um sentimento ou uma percepção pessoal e intransferível, muitas vezes difícil de ser mensurada. “As pessoas se sentem incluídas ou não. O sentimento de estar incluído, embora possa ser freqüente, não ocorre todo tempo em todas as situações de vida” (p.28). Pode-se considerar, também, que surgem situações desagradáveis que provocam, em maior ou menor intensidade, certa frustração.

A inclusão e a exclusão social não são fenômenos isolados. Eles são encontrados no contexto específico de cada cultura. Vale, aqui, atentar ao fato econômico por trás dos movimentos inclusivos, considerando principalmente os países considerados periféricos, como o Brasil.

Argumenta Duarte (2005), que se de um lado decretos e leis estabelecem responsabilidades aos governos e à sociedade como um todo, favorece a conscientização, pelo tecido social, sobre os direitos dos “excluídos”. Por outro lado, no Brasil, não existe ainda uma rede de apoio para atender, adequadamente, as necessidades de todos. É mister considerar que a inclusão apresente uma rede de suporte em várias áreas como: acesso e acessibilidade a saúde, educação, assistência social, transporte, justiça, entre outros. E não fique restrito a questões no campo da educação, como é colocada freqüentemente. Portanto, “[...] para que o processo de inclusão aconteça é necessário que as redes sociais estejam preparadas (escolas, unidades básicas de saúde, centros comunitários, entre outros)” (p.28). Este processo envolve uma rede, que deverá procurar dar suporte às demandas dessa população.

A inclusão social, portanto, é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de necessidades especiais (SASSAKI, 1997, p 42).

A vivência do paradesporto do ganhar e perder, o sentimento de pertencimento a uma equipe, a descoberta de possibilidades motoras, a autonomia durante a prática do esporte adaptado, a cooperação, a independência seja ela na piscina ou em outros jogos adaptados podem proporcionar sentimentos de estar incluído e que as diferenças podem coexistir. Conforme Melo e Lopes (2002) “As atividades físicas, esportivas ou de lazer propostas aos portadores de deficiências físicas possui valores terapêuticos evidenciado benefícios tanto na esfera física quanto psíquica (p.1)”.

Para Ribeiro (2001) o avanço promovido pela inclusão está em movimento bilateral, já que tanto as pessoas como a sociedade buscam resolver os problemas buscando em conjunto igualar as oportunidades para todos, respeitando as necessidades de cada um.

Como a inclusão passou a ser um desafio para todos os seguimentos da sociedade, os profissionais da Educação Física, também inseridos nesse contexto, vêem-se diante de uma situação, que até então não era discutida, sendo portanto, inédita e que merece atenção. Ao utilizar o termo inédito, não estou me reportando as atividades da educação física, esporte, lazer e recreação para pessoas com necessidades educacionais especiais, pois neste caso não existe inclusão. O que ocorre é a oportunidade de grupos de pessoas que apresentam necessidades especiais participarem entre si de algumas atividades oferecidas pela Educação Física (p. 34).

Nessa perspectiva, o esporte através de suas dimensões sociais, pode viabilizar uma ação inclusiva. Considerando que as “[...] atividades esportivas fizeram e ainda fazem parte do processo de construção do homem no seu meio cultural” (Ribeiro, 2001. p. 35). A busca pela inclusão através da prática da atividade esportiva, para que esta ocorra efetivamente, torna importante que todos os envolvidos façam parte do objetivo da atividade.

Argumenta a autora que:

A existência de objetivos pessoais que atendam as características, interesses ou ainda as necessidades individuais, tornará o esporte interessantes para todos. O respeito às diferenças poderá gerar fontes de análises interessantes e complexas por parte de todos os presentes, criando momentos propícios para discussões sobre como lidamos com a diversidade e como tornar possível e produtiva, para ambos, esta convivência (Ribeiro, 2001, p. 36).

Os profissionais que atuam diretamente com esporte devem buscar, segundo Ribeiro (2001), sensibilizar os pais, responsáveis, professores, alunos, esportistas, entre outros sobre a proposta inclusiva. Os envolvidos devem buscar informações, além dos livros, ou seja, com as pessoas que estão envolvidas diretamente no trabalho de inclusão e em especial com o indivíduo que tem algum tipo de limitação, podendo ali encontrar respostas para varias questões.

METODOLOGIA

Para dar conta de aspectos relacionados às vivências cotidianas dos participantes dos projetos, empreguei uma abordagem de observação participante, articulada com entrevistas abertas e questionários.

Para tanto, utilizei o sistema de pesquisa qualitativa, para interpretar a situação social existente no âmbito dos grupos. Nessa perspectiva, argumenta Minayo et al. (1999, p.22), “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos; porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Becker (1999) afirma que o observador participante, no processo de coleta de dados, segundo sua escolha de ser participante em caráter integral, coloca-se na vida da comunidade, podendo ver, durante certo período de tempo, o que normalmente as pessoas fazem enquanto realizam suas atividades. O observador participante registra suas observações de forma breve depois de fazê-las. Observa os tipos de pessoas que interagem umas com as outras, conteúdos e consequências da interação e como ela é discutida e avaliada pelos participantes e outros ao final de cada evento. Ele busca registrar esse material de forma mais completa possível, por meio de relatos detalhados de ações e mapas de localização dos indivíduos, enquanto atua com transcrições literais das conversações.

Em momentos diferentes do dia, realizei observações, procurando diferentes grupos das instituições, conforme o trabalho de campo, e, depois, procurei casos antagônicos às hipóteses previstas.

Neste estudo etnográfico, acredito, como Humphreys (1974, p.156), “[...] que os métodos etnográficos sejam os únicos verdadeiramente empíricos para o cientista social”. Realizei observações participantes, com relatório diário, nos meses de março, abril e maio de 2009. Acompanhei as atividades esportivas dos grupos em foco, uma vez por semana, com grupos distintos; no final de cada atividade diária, relatei minuciosamente todas as situações ocorridas em meu diário de campo.

A entrevista focalizada ou aberta, segundo Becker (1999), não cumpre um roteiro preestabelecido, e o entrevistador centra a conversa no aprofundamento de tema(s), e, assim, o respondente tem a liberdade de falar livremente sobre ele(s). O(s) tema(s) pode(m) ser mencionado(s) diretamente, ou conduzir de forma sutil o entrevistado em direção a ele(s) ou pode(m) ser evocado(s) com a utilização de técnicas visuais, como quadros, pinturas ou fotos. As entrevistas foram realizadas com todos os principais segmentos com atuação nos grupos escolhidos – praticantes e professores. Essas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise.

Análise de dados

Relações sociais dos participantes

O esporte adaptado no Brasil surgiu há mais de 45 anos, por intermédio de algumas entidades, com o objetivo de desenvolver o esporte para pessoas com deficiência. Em 1958, foi fundado o Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, seguido pelo Clube dos Paraplégicos de São Paulo, na cidade de São Paulo. Em 1959, aconteceu a primeira competição de atletas portadores de deficiência. Foi um jogo de basquete, em cadeira de rodas, que reuniu as equipes do Rio de Janeiro e São Paulo. Por meio do basquete, iniciou-se a prática esportiva para pessoas com deficiência. A partir desse passo, outras modalidades foram incorporadas.

A presente análise trata das atividades desenvolvidas no grupo da modalidades paradesportivas natação. Por meio dos relatos, compreendem-se os envolvimento dos participantes no grupo estudado e na relação entre eles, consigo mesmos, com professores, com estagiários e com a comunidade em geral.

Quando se trata de um público tão específico como pessoas com deficiência, é essencial abordar as questões referentes ao estigma, de acordo com Glat (1998). Assim, ao se discutir a questão da integração dessas pessoas, é preciso ter em mente que elas constituem uma categoria socialmente construída de desvio (OMOTE, 1994). Logo, a sua situação é similar, em vários aspectos, à problemática enfrentada por outros grupos de pessoas estigmatizadas, como aidéticos, ex-presidiários, homossexuais, minorias raciais etc. Todos esses indivíduos, por uma razão ou outra, são afastados física ou moralmente do convívio cotidiano da sociedade, deixando de usufruir, conseqüentemente, das oportunidades.

Baseado nesse afastamento a que se refere Glat (1998, p. 20), os projetos em questão buscaram quebrar esses preconceitos tão arraigados em nossa sociedade, e, por meio da prática do esporte e da atividade física, fortalecer internamente os nossos participantes para que eles entendessem esses processos internos e externos na experiência abertas às demais pessoas.

Dentro da “rede” de relações formadas durante o período de observações e análises dos referidos grupos, chamou minha atenção a relação próxima e “inspiradora” que a equipe de natação de atletas federados do IPA tinha com os participantes, pois se tratava de uma proximidade muito saudável.

Criaram-se amizades além do esporte, de ordem pessoal, o que favoreceu o reconhecimento desses indivíduos, sob a perspectiva de Honneth (2003). Quando perguntados sobre como avaliavam o fato de treinar no mesmo horário da equipe de natação competitiva do IPA, as respostas foram as seguintes:

Régis: É legal. Podemos observar os atletas. Aprendemos mais a cada treino. Quando chego mais cedo, sempre gosto de olhar eles nadando; depois vamos ter noções de ritmos de treinamento.

Rogério: Acho muito bom; é motivante, até porque os atletas me incentivam muito.

Sônia: Eu acho muito bom, porque nos motiva cada vez mais.

Rafaela: Considero válido, pois permite uma integração importante e necessária entre atletas de alto rendimento e atletas com deficiência e enriquece o atleta com deficiência, que tem a oportunidade de observar a interação da equipe de alto rendimento com seu técnico, da mesma forma que toda a técnica e orientação utilizada nos treinamentos dos atletas de elite podem servir como base ao atleta portador de deficiência em seu treinamento. A oportunidade que tive de realizar a maior parte dos meus treinamentos junto à equipe de alto rendimento do IPA foi muito importante para os meus treinamentos e para o meu enriquecimento.

Nos relatos, nota-se que os atletas federados da instituição serviam como uma motivação extra aos participantes do projeto, pois eram exemplos a serem seguidos, por suas condutas, suas determinações de ultrapassar barreiras impostas muitas vezes pelo técnico, transpondo os limites da natação nas relações entre os dois grupos, como citado anteriormente. Também pude observar

que os atletas federados tiveram um acréscimo em sua humanização no que diz respeito à valorização das diferenças.

CONSIDERAÇÕES

Sobre as questões relativas às aulas e aos treinos propriamente ditos, pude constatar em várias observações que os pequenos avanços representam grandes evoluções para os participantes, assim como para o grupo de professores e estagiários. Como exemplo, destaco a maneira como os participantes lidam com novas experiências, demonstrando, de forma concreta, a melhora de suas condições de saúde física e de qualidade de vida, como se constata nos relatos apresentados nas entrevistas quando os participantes falam sobre o prazer de se sentirem incluídos dentro dos projetos e da comunidade que frequentam.

Importante salientar as melhoras na autoestima e autonomia dos participantes, assim como nas práticas esportivas e na coordenação motora, o que traz melhora do equilíbrio – fato constatado por meio de observações e relatos.

Em relação às competições, notei que os participantes que puderam competir em eventos específicos do esporte adaptado sentiram-se motivados porque foram valorizados por suas conquistas; vivenciaram com seus “iguais” – pessoas com deficiência – experiências esportivas competitivas, rompendo limites, seja pelo fato de simplesmente completar o percurso da prova ou jogo, seja pela conquista de medalhas; muitos participantes mencionaram o olhar diferenciado de amigos e familiares após os triunfos nas competições. Esses relatos demonstram as evoluções conquistadas, pois, antes de iniciarem no projeto, os participantes não acreditavam que fosse possível atingir todas essas metas.

Quanto às relações interpessoais, pelos relatos apresentados nas entrevistas e pelas observações realizadas, pude constatar a valorização da oportunidade de convívio entre os pares (um grupo de pessoas com deficiência) com estagiários e professores, pessoas que demonstram atenção e que valorizam os participantes dos projetos esportivos para pessoas com deficiência. Tal relação foi fundamental para concluir que o esporte, ou, em especial, o formato com que se apresentaram os projetos em pesquisa, promoveu e estimulou o processo de inclusão social.

Palavras chaves: esporte adaptado – inclusão social – pessoas com deficiência

REFERENCIAS

BECKER, Howard S. **Observação Social e Estudos de Caso Sociais**. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 4. ed. Traduzido por Marco Estevão; Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999.

DUARTE, Edison. *Inclusão e Acessibilidade: Contribuições da Educação Física Adaptada*. Revista da Sobama Dezembro 2005, Vol. 10, n.1, Suplemento, pp. 27-30 Unicamp

GLAT, Rosana. **A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HUMPHREYS, Laud. **A Transação da Sala de Chá: Sexo impessoal em lugares públicos**. In: A Observação sociológica. Matilda White Riley e Edward E. Nelson,orgs. Rio de Janeiro: Zahar 1974.

MELO, Ana Cláudia Raposo; LÓPEZ, Ramón F. Alonso. **O Esporte Adaptado**. Efdportes.com Revista Digital - Buenos Aires - Año 8 - N° 51 - Agosto de 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. et al. (Org.). **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

OMOTE, Sadão. **A integração do deficiente:** um pseudo-problema. In: Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, 1, 24., 1994. Ribeirão Preto. Trabalhos apresentados. Ribeirão Preto, 1994, p. 142-144.

RIBEIRO, Sônia Maria. **Inclusão e Esporte: Um caminho a percorrer.** In: **Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada.** Temas em educação física adaptada / Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada. [s.l.]: SOBAMA, 2001.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.